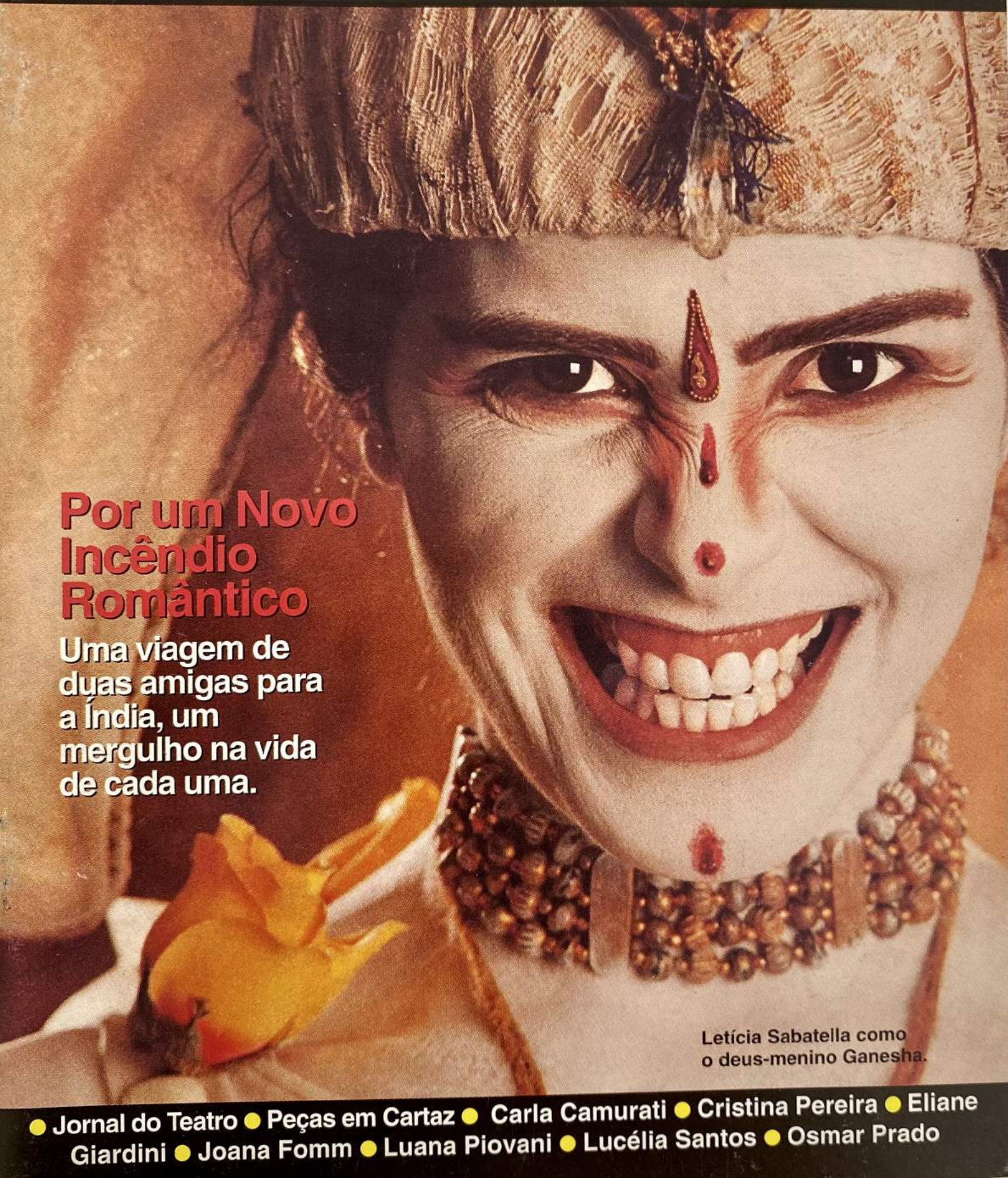
APLAUSO

guia de teatro

ANO II Nº 9

EXEMPLAR GRATUITO

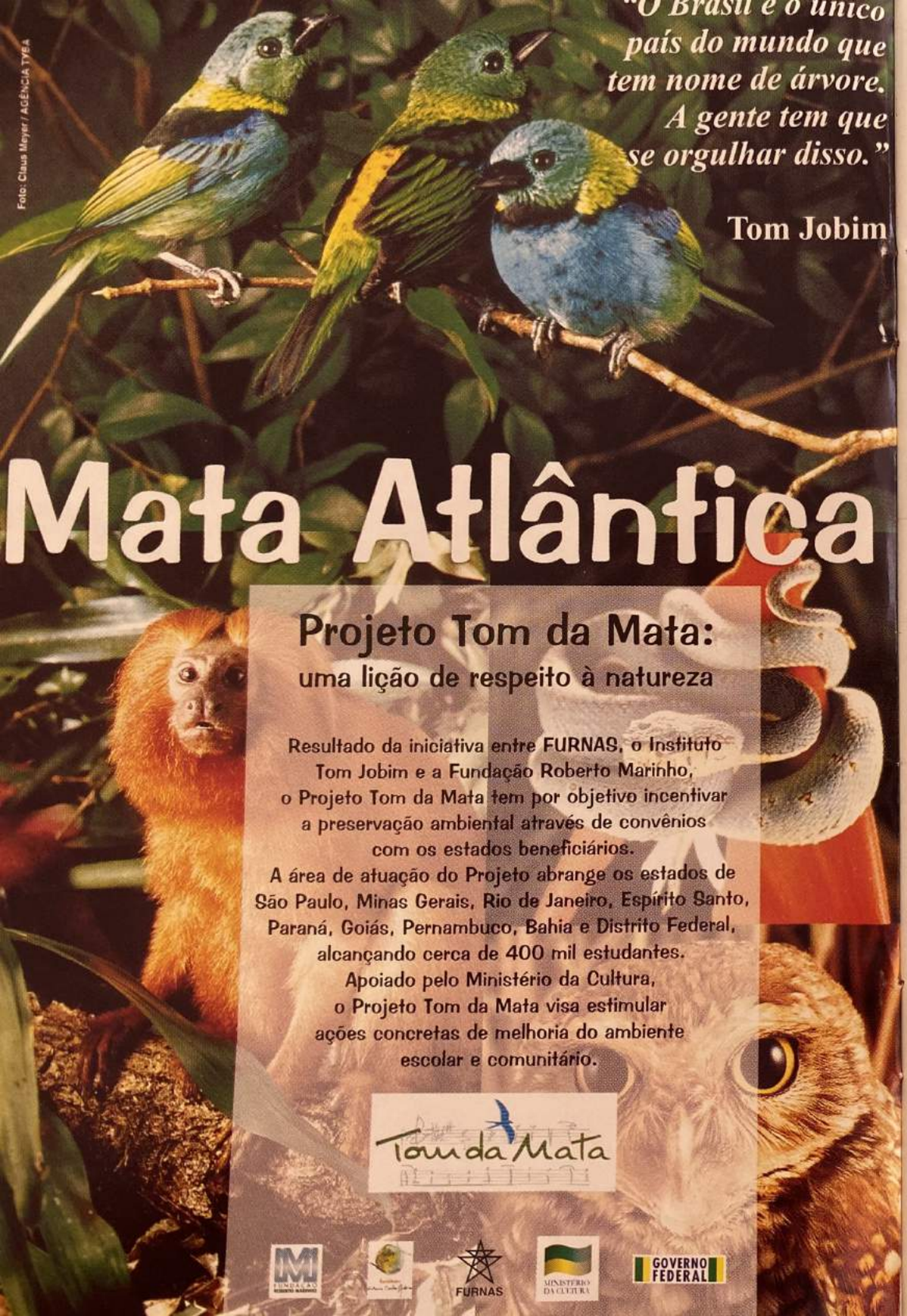


Por um Novo Incêndio Romântico

Uma viagem de duas amigas para a Índia, um mergulho na vida de cada uma.

Letícia Sabatella como o deus-menino Ganesha.

● Jornal do Teatro ● Peças em Cartaz ● Carla Camurati ● Cristina Pereira ● Eliane Giardini ● Joana Fomm ● Luana Piovani ● Lucélia Santos ● Osmar Prado



BASTIDORES

Dispensada por fax

"O teatro sempre foi muito importante para mim. Sempre acreditei nele como o espaço onde o ator pode recorrer para ter mantida a sua dignidade e exercer sua vocação. O palco era nossa principal referência da arte no país, um território sólido, um porto seguro para o ator profissional. Hoje, porém, depois de ter sido maltratada e aviltada pela produção do espetáculo *Deus lhe Pague*, passo a acreditar que o nosso teatro acabou. Mais do que isso, que a profissão de ator acabou.

Voltei de uma viagem de trabalho no Exterior certa de que o compromisso de fazer o espetáculo em São Paulo e no resto do Brasil estaria mantido. Havia um trato, uma palavra, um acordo. Apesar disso, fui dispensada por uma lauda, enviada através do fax, para ser substituída por uma pessoa com destaque na mídia. Então já não é preciso ter formação, preparo e cultura para se trabalhar como ator. Faço uma triste reflexão — o que importa é apenas o mercado, e basta estar na mídia para subir ao palco. Hoje o público, desavisado, aceitaria até os personagens de Romeu e Julieta, de Shakespeare, interpretados por Ronaldinho e Tiazinha.

Há uma crise de valores que antes se limitava à televisão e, agora, invade o teatro. Ninguém mais se prepara verdadeiramente para a profissão de ator. Não quero generalizar —há modelos, gente jovem, de muito talento. Mas, neste momento, não vejo o teatro com otimismo. Principalmente quando penso que o compromisso que havia comigo foi quebrado não por uma pessoa qualquer, mas por um dos mais importantes pilares do teatro brasileiro, Bibi Ferreira. Isso é grave. É chocante. É preciso refletir de uma forma conjunta, em larga escala, em que os envolvidos possam e desejem tomar uma posição.

Quanto a mim, digo com honestidade que não pretendo ter de volta aquilo que me foi tomado. Já não teria o mesmo significado. Estou cautelosa. Não quero mais doar o meu coração puro e amoroso às pessoas que não merecem. Sempre me entreguei ao trabalho por causa das pessoas envolvidas e pelos personagens, nunca pelo dinheiro. O dinheiro é uma consequência de se fazer bem aquilo que se gosta. Sou uma atriz, não uma burocrata. Mas o teatro acabou, e a profissão de ator está em extinção".

Lucélia Santos, agosto/setembro de 1999

JORNAL DO TEATRO

Palco revelado

Quem sente saudades de espetáculos que já fizeram carreira não deve perder a exposição Palco Revelado, no Teatro do Sesi, até o dia 5 de setembro, paralelamente à temporada da peça Endependência, de João Brandão. É uma viagem fotográfica pelo panorama teatral jovem das últimas três décadas. Aparecem na mostra espetáculos *como Hoje é Dia de Rock*, *Aurora da minha Vida*, *Capitães de Areia* e *Confissões de Adolescentes*, além do Tablado de Maria Clara Machado, como formador de jovens atores.

Cassino no Brasil

O ator André Poubel conseguiu os direitos de montagem da peça *Cassino – Isto é uma Guerra*, do argentino Javier Daulte. Já com a tradução para o português pronta, ele convidou Vic Militello para dirigir o elenco de oito atores, que ainda está sendo formado. Agora é só aguardar.

Soco no olho

Comentário rodrigueano foi o de Irene e Helena, irmãs do teatrólogo Nelson Rodrigues, depois de assistirem *A Inquisição de Maria*, escrita e dirigida pelo sobrinho, Alberto Magno. Empolgadas, definiram o espetáculo como "um soco no olho". Se ainda não assistiu, confira!

Shakespeare

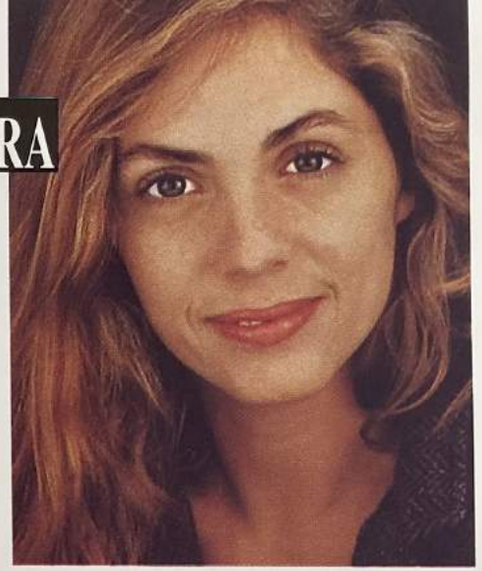
... e por uma especialista, a crítica de teatro Barbara Heliodora, uma das maiores autoridades na obra do dramaturgo inglês. Ela dirige e assina o texto da peça *Um Homem Chamado Shakespeare*, em cartaz no Espaço Yan Michalski, rua Rumânia, 44, Laranjeiras. No elenco, 20 atores formandos da Casa das Artes de Laranjeiras (CAL). "É uma montagem simples", diz ela. "Nós centramos no trabalho do ator e os alunos responderam muito bem a esse desafio". A montagem reconta de um jeito bem-humorado trechos da vida e da obra do bardo, mostrando o enredo e diálogos de 15 peças diferentes, entre elas Hamlet, Coriolano, Romeu e Julieta, Macbeth e Otelo.

GOVERNO DO ESTADO RJ Rio de Janeiro
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Cruz Lima, 19/401, CEP 22230-010, Rio de Janeiro, RJ. Fones: (021)557-5239 e (021)285-4342. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Rubens Tonelli (arte), Maria Lúcia Rangel e Dalila Magarian (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Artcor. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: Ricardo Fasanello

PALAVRA DE DIRETORA

Carla Camurati



Teatro é arte viva e mutável

"Nunca me senti tão aflita, ansiosa e impotente quanto na direção de *A Rainha da Beleza de Leenane*. Diferente da ópera, em que as músicas funcionam como o fio condutor do que acontece no palco, ou do cinema, em que o diretor procura congelar os melhores momentos da interpretação dos atores, o teatro é uma arte viva e, por isso mesmo, mutável, com possibilidades para o infinito. Embora a beleza do teatro esteja justamente nessa vivacidade, ela é dominada pelos atores em cena, e a minha aflição como diretora, nos bastidores, é a de quem não pode fazer mais nada enquanto as coisas estão acontecendo no palco.

Quando as cortinas se abrem, o diretor não controla o que acontece, não tem mais a chance de interferir, não há como parar tudo e começar de novo. O diretor tem menos poder do que o ator, o iluminador ou o sonoplasta — se um pequeno erro acontece durante o desenrolar do espetáculo, eles estão ali, com a possibilidade de corrigí-lo, improvisando uma saída. A mim, como diretora, só resta correr de um lado para outro, nervosa e aflita — e contando as noites sem dormir!

Acho que sou a única pessoa que assiste à uma obra que conhece em profundidade, mas não pode fazer qualquer coisa além de procurar com os olhos os erros minúsculos de cada apresentação, e quem sabe tentar passar um bilhete escondida nas coxias. Às vezes, penso que *A Rainha* ganhou uma cara de cinema. A peça tem um pé na realidade, mas nada do que acontece é de uma violência verdadeira. O espetáculo é uma tragicomédia, quase um filme B de terror, em que o mais divertido é a abordagem da relação entre os personagens. Nesta minha estréia na direção de uma peça teatral, olho para o palco e penso: posso reconhecer no palco a cara do cinema!

Mas o teatro precisa da segmentação da representação, de pilares em que os atores se sintam apoiados. No cinema, o diretor busca que o ator alcance seu melhor limite só uma vez, e assim possa congelar aquele momento através das lentes. Procuro saborear as três linguagens — a do teatro, do cinema e da televisão. Sobretudo, adorei ter feito *A Rainha da Beleza de Leenane*. Como atriz, sentia necessidade de trabalhar com teatro novamente. Em relação ao público, minha expectativa é uma só — a de que as pessoas venham, assistam e se divirtam muito."

Tradução da sigla: Associação de Mulheres Interessadas em Gargalhadas, Amor e Sexo. Bom humor total!

Por Maria Lúcia Rangel

A.M.I.G.A.S.

Luana Piovani admite que tem pelo menos duas características de Aline, sua personagem na peça A.M.I.G.A.S.: o prazer de sonhar e o de realizar o sonho. Aos 22 anos, ela estréia como produtora (em parceria com Rick Nogueira) na peça que protagoniza com Fernanda Rodrigues, Bebel Lôbo, Mary Sheila e Ernesto Piccolo. E reconhece que produzir é mais difícil do que atuar. Amou o texto baseado no livro de Cláudia Melo porque é jovem, é comédia e porque sua personagem é mais parecida com ela do que todas as que já interpretou.

Para dirigir essa Associação de Mulheres Interessadas em Gargalhadas, Amor e Sexo (*A.M.I.G.A.S.*), convidou Cristina Pereira, que para dar forma ao trabalho foi buscar emoções passadas, vividas em sua própria juventude.

"Como diretora, a pessoa que vai pilotar essa nave, tratei de me emocionar. E fiquei pensando em como eu era quando tinha 22 anos. Comecei a me lembrar da faculdade, da época de ditadura no Brasil, de quando eu morava na Inglaterra – fazendo teatro lá, ouvindo Led Zeppelin, também sendo um pouco bicho-grilo, experimentando droga, vivendo meio como hippie, pedindo carona e procurando afeto. Os sentimentos são os mesmos da geração atual", conta Cristina.

As Garotas

A Curiosa – Luana Piovani é Aline, "que está sempre anotando os papos, as reações, a convivência com o inesperado, tudo para escrever um livro. Fazendo um paralelo, é minha função como produtora. Corro de um lado para outro, ensaio, gravo novela. Ainda trabalho com pouca experiência, instinto e talento – este vamos lapidando. Vou estudar e, garanto, ninguém vai me segurar."

A Decidida - Fernanda Rodrigues, 19 anos, em seu quinto trabalho teatral e o primeiro que chama de "adolescente-adulto" é Dil, a caçulinha do grupo, irmã de Aline (Luana) e a mais decidida das quatro. Uma menina esclarecida e com personalidade forte que encantou Fernanda por estar muito próxima de sua realidade. "É a que não dá mole para os homens e tem um pensamento certo. Também tenho personalidade forte e, sempre que quis alguma coisa, corri atrás. Mas a Dil é mal humorada, não tem paciência para fazer as coisas, é preguiçosa e contra as regras. Aí somos diferentes."

A Impulsiva - Mabi, a Maria Beatriz interpretada por Bebel Lôbo, 22 anos, tem muito de sua criadora. A personagem é a mais atirada e impulsiva. Não pensa antes de agir e muitas vezes se arrepende. A diferença entre as duas é que a atriz náo se arrepende do que faz. "A Mabi também é muito destemperada. Tudo para ela é 8 ou 80. Oscila de uma felicidade absurda para a depressão total. A frase que ela diz durante a peça define muito bem sua personalidade: nada como uma boa festa para esquecer a noite anterior mal vivida."

A Prática - Revelação de Orfeu, de Cacá Diegues, descoberta no grupo Nós do Morro, na favela do Vidigal, onde nasceu e mora até hoje, Mary Sheila, 19 anos, foi vista por Luana no filme de Diegues e convidada para fazer a patricinha Dadá, que só veste roupas da moda e freqüenta os bares badalados da cidade."A peça se passa em um mundo diferente do meu e precisei me adaptar. Mas é sempre um desafio conhecer um novo universo. Dadá é alegre, divertida, objetiva e muito prática."

Homem de Laboratório

Ernesto Piccolo está se divertindo como o único homem da peça. Na verdade, os homens, já que interpreta 18 personagens: o namorado de todas elas, o pai de duas e o garçon Tirson, entre outros. "Fico coringando", diz rindo. "São personagens divertidos. Mudo de roupa o tempo todo e estou sempre em cena. É meu primeiro trabalho com tantas beldades e muito prazeroso. Medo de ficar em segundo plano? Nenhum. Deixa elas... jovens, bonitas, cheias de graça. Já sou coroa, tenho 37 anos. Até me vejo como pai falando com meus filhos daqui a pouco. Há tempos não fazia um trabalho de entretenimento – e trabalhar dirigido por Cristina Pereira é um barato. Ela é uma graça." ❖

Por um novo incêndio romântico

Letícia Sabatella é o deus-menino Ganesha. Joana Fomm e Eliane Giardini, duas amigas que embarcam para a Índia e fazem um mergulho em suas próprias vidas.

Por Maria lúcia Rangel

Por um Novo Incêndio Romântico é a mais nova criação da Sutil Companhia de Teatro, de Curitiba. Inspirada no autor americano Terrence McNally, tem no elenco Joana Fomm, Eliane Giardini, Letícia Sabatella, Guilherme Weber, Erica Migon e Rosana Stavis. As duas últimas fazendo as personagens de Joana e Eliane jovens. O espetáculo teve pré-estréia no Festival de Curitiba, no primeiro semestre, e com parte do elenco original estréia uma temporada de dois meses na Sala Fernanda Montenegro, no Teatro Leblon. Uma viagem à Índia simboliza a viagem interna de duas amigas que, na juventude, aguardavam a chegada de um acontecimento extraordinário que desse sentido à vida. Agora, mulheres de meia-idade, embarcam juntas guiadas por Ganesha, o deus menino com cabeça de elefante, interpretado por Letícia Sabatella.

Felipe Hirshc, autor e diretor

A idéia da peça escrita e dirigida por Felipe Hirsch é de Terrence Mcnally, mas o texto foi livremente inspirado e recriado pelo brasileiro. Fascinado pela dramaturgia contemporânea americana, inglesa e irlandesa, se inspirou também em outros autores, como Paul Auster ("A primeira cena é quase dedicada a ele") e Ingmar Bergman ("Sempre foi um mito e um guia do que faço em teatro e na minha vida").

Carioca de 27 anos, mas tendo trabalhado até hoje em Curitiba, Felipe e Guilherme Weber, seu parceiro na companhia, acham que chegou a hora de enfrentar o eixo Rio-São Paulo, apesar de nunca terem perdido contato com o teatro bom e bem feito nessas capitais. O contato com Joana Fomm e Eliane Giardini era o que faltava:

"Dirigir a Joana e a Eliane é aprender o tempo todo", diz Felipe. "É escutar mais do que falar e, ao mesmo tempo, tentar acrescentar o pouco que posso: a velocidade, a criação do texto. Elas me disseram que o roteiro caiu como uma luva neste período da vida delas, portanto acabou acontecendo uma troca maravilhosa".

Já Letícia Sabatella é como se fosse amiga de infância, tendo já participado

do espetáculo em Curitiba. A atriz interpreta Ganesha, o deus indiano que guia as personagens de Joana e Eliane nesta viagem-mergulho pelo Oriente:

"Ganesha é o desobstruidor de obstáculos. Ao mesmo tempo, torna-se o condutor do espetáculo para a platéia. É um personagem com um humor muito fino."

Guilherme Weber faz três personagens, três projeções do personagem de Joana Fomm: o marido, o filho e o amante que ela encontra na viagem e tem o mesmo nome do filho já morto, que era gay.

O espetáculo é todo fragmentado e tem golpes teatrais e de memória. Não a memória emotiva, mas tenta mostrar que a memória pode contar uma história como ela realmente aconteceu e como ela é recriada pela imaginação. Pode-se então imprimir velocidades diferentes ao espetáculo.

Além do cenário de Tony Silveira, a peça tem figurinos de Emília Duncan e trilha sonora de Rodrigo Barros Homem del Rei e Luiz Ferreira, que conseguiram, com a música, dar a temperatura certa para cada uma das cenas.

Joana Fomm e Eliane Giardini, as amigas

Joana é Catherine, uma mulher que perdeu o filho e várias coisas na vida – e que sempre foge "para a frente", segundo ela mesma. Age como se não tivesse medo algum, mas é incapaz de parar e ver a realidade como ela é. Ansiosa, estabanada, vai passando por cima de tudo o que acontece em sua vida.

"Isto não significa que o fim da peça é pra baixo. Aliás, a peça não é pra baixo em momento algum. Mas as duas amigas vão se desarmando até que sobra um ser humano. Não muito feliz, porque as coisas não deram certo, mas pelo menos um ser humano", diz Joana Fomm.

Eliane Giardini é Margareth, uma mulher dura com ela e com a vida, guardando todo o seu sentimento para alguma coisa que espera acontecer mais adiante, algo digno de tudo o que sempre sonhou. "É solteira, sozinha e um dia se descobre com câncer no seio. Quando a gente fala assim, parece que a peça é pesadíssima. Mas é inteligente. É Woody Allen", conta Eliane.

Não é fácil descrever o entusiasmo das duas atrizes. Seus olhos brilham, elas falam ao mesmo tempo e, pela primeira vez trabalhando juntas, até já fazem planos de futuras parcerias.

"Eu não pretendia fazer teatro este ano", admite Eliane. "Já tinha tido outros convites interessantes, mas nada encaixava. Quando Felipe e Guilherme me chamaram, avisei que leria o texto mas não o faria. Li de uma assentada só e, no dia seguinte, eu é que estava procurando os dois".

Com Joana Fomm aconteceu praticamente a mesma coisa. "Eles tinham me chamado para a montagem de Curitiba mas eu estava com outra peça - aliás ainda estou – esperando a lei Rouanet. Mas me apaixonei pelo texto e, se a outra sair, darei um jeito de fazer as duas".

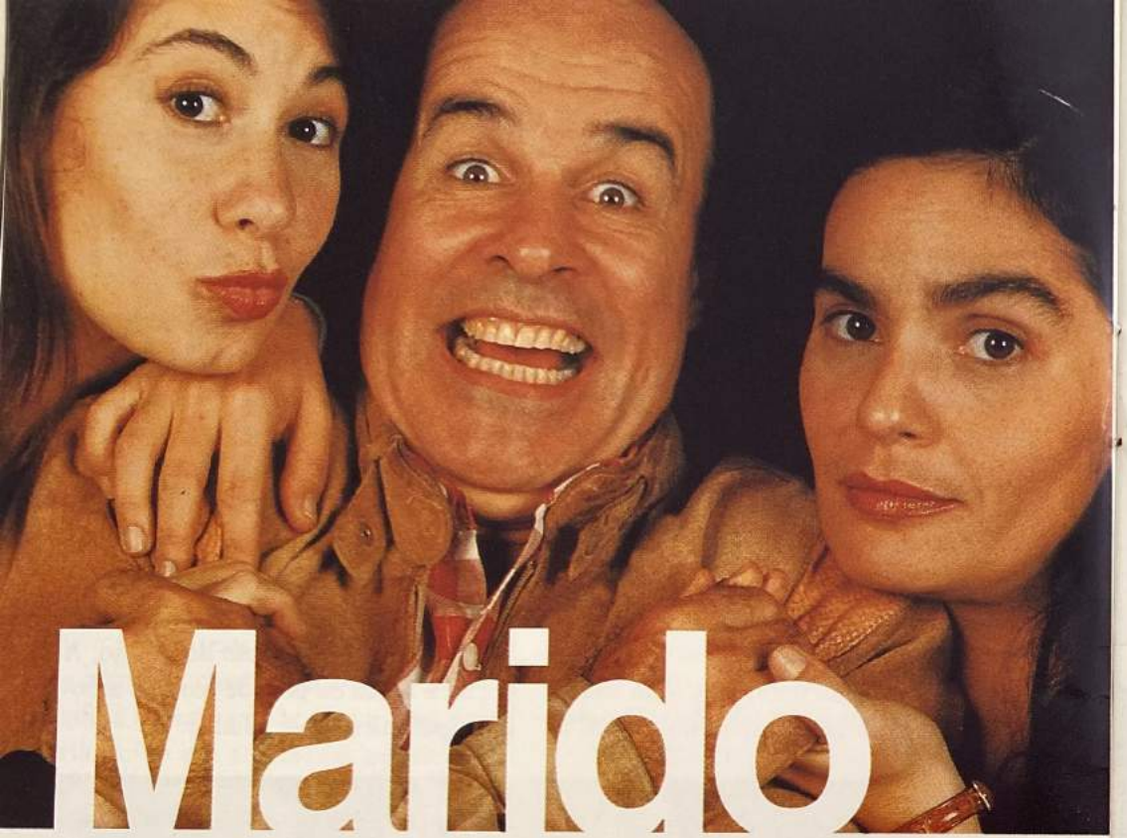
Eliane diz ter chegado a um momento de sua profissão em que não se interessa sobre o que é uma peça, mas sim o tipo de reflexão a que ela dá margem: "Não importa se são duas amigas que vão para a Índia. Isto é um roteiro que pode vir a ser um desastre ou uma obra-prima. O grande lance da peça é como ela é contada, as reflexões, o mergulho de cada uma e o testemunho uma da outra".

É uma peça feminina?

"Olha, de uma certa forma é sim", diz Joana. "Sem dúvida, uma peça com a qual a mulher vai se identificar. Não foi escrita para a mulher, mas tem sentimentos extremamente femininos, sem aquele raciocínio lógico masculino, frio. É a procura da magia. Eu brinco dizendo que meu personagem foge pra frente e o da Eliane pra trás. Se bem que esta coisa de não querer encarar a realidade é típica do ser humano em geral."

"Há duas coisas paralelas", explica Eliane. "Uma é a tua vida cotidiana, a outra é o que você pretende dela. Às vezes ambas se encontram, outras não. E há a ênfase que nós ocidentais temos de sempre colocar o objetivo na frente. Não que a peça tenha uma mensagem orientalista porque elas vão para a Índia, mas bastou chegar lá para o objetivo não ser mais o objeto do desejo. A peça é a busca do pote de ouro no arco-íris, que está sempre adiante." ❖

Joana, Letícia e Eliane: a Índia como pretexto para uma viagem interior.



Marido em dose dupla

Espetáculo com Osmar Prado e André Valli mostra as aventuras de um bígamo atrapalhado.

Por Dalila Magarian

Mesmo que em vários países (inclusive no Brasil) a bigamia seja vista como crime aos olhos da lei, por aqui ela costuma fazer rir. Pelo menos é essa a expectativa dos atores Osmar Prado e André Valli, dirigidos pelo mestre da comédia João Bethencourt em *Um Maridão na Contramão*, espetáculo em cartaz no Teatro dos Grandes Atores. Nesta segunda montagem nacional do texto de Ray Cooney — a primeira aconteceu em 86, tendo Otávio Augusto e Rogério Cardoso como protagonistas —, as trapalhadas de um motorista de táxi casado com duas mulheres ganham muito mais destaque do que poderia supor o bom e velho Código Penal. "Embora a peça seja situada na Inglaterra, onde o povo é bem comportado e as leis rigorosas, o brasileiro vai se divertir muito, porque irá reconhecer como viáveis e prováveis todas as situações em que o motorista se envolve", argumenta o diretor.

Ao que parece, a diversão está mesmo garantida. Principalmente levando-se em conta o currículo de Bethencourt, que já dirigiu mais de 50 peças e escreveu outras 40.

A história

Trocando em miúdos, John Smith (Osmar Prado), o motorista bígamo, tem tudo o que um homem comum poderia desejar, só que multiplicado por dois — duas casas e duas esposas oficiais, de "papel passado", por exemplo. Cada casa fica localizada a menos de cinco minutos de carro uma da outra, favorecendo o troca-troca de mulheres, e tudo parece ir muito bem para o motorista, que trabalha sem cumprir horários rígidos. Mas um incidente com uma cliente idosa faz com que o feliz e faceiro John vá parar num hospital. É quando entra em cena seu melhor amigo, Stefano Giardino (André Valli), que se torna seu cúmplice mas acaba envolvendo o motorista em novas trapalhadas.

É justamente o grande número de situações cômicas que valorizam esta comédia, sem a necessidade do escracho, da agressão e dos palavrões tão comuns quando o objetivo é despertar o riso fácil. Para Bethencourt, este texto de Ray Cooney é comparável a uma das mais importantes obras de Oscar Wilde, *A Importância de ser Ernesto*. "A grande diferença é que as piadas não sofrem problema de leitura ao serem traduzidas. É uma peça contemporânea e muito atual", afirma Bethencourt.

O prazer de fazer rir

Para Osmar Prado, é uma peça primorosa em termos de carpintaria: "Ray é um mestre da arte da comédia. E a comédia é uma forma sofisticada de interpretação, um exercício fantástico para o ator". Embora o texto tenha características machistas, já que os protagonistas são homens e a situação coloque em desvantagem as mulheres enganadas, ele acredita que a platéia se transformará em cúmplice de John. "O autor trabalha de tal forma que as pessoas acabarão torcendo para que ele escape de um flagrante", arremata.

André Valli (presente nos palcos recentemente em *Os Sete Gatinhos*), concorda com Osmar e acrescenta que, na verdade, o motorista ama as duas mulheres e não deseja perdê-las. "O melhor amigo percebe isso e procura ajudá-lo, porque tem uma boa índole. O problema é que não há tempo para resolver o problema de imediato. Quanto mais ele tenta esconder o motorista das duas mulheres, mais acaba envolvendo o motorista em várias trapalhadas."

Outros personagens participam das confusões de John Smith, como os sargentos Trutão (Élcio Romar) e Portobol (Gláucio Gomes). Além, é claro, das respectivas senhoras Smith, Barbara (Gláucia Rodrigues) e Maria (Vânia Penteado). Casado com Gláucia Rodrigues na vida real e considerando-se "um marido fiel", Osmar Prado diz que um grande barato da peça é deixar o expectador imaginando com qual das duas esposas o motorista vai ficar no final — talvez com as duas, ou sem nenhuma. "No fundo, é um sujeito simpático. Não tem culpa de não resistir a um rabo de saia!" ❖

Comédia musical em forma de opereta chega ao Rio depois de temporada premiada em Curitiba e Belo Horizonte.

Por Dalila Magarian

O lírico e o popular in Concert

No ano passado, a companhia Burlatins, formada pelos atores Maurício Tizumba, Marina Machado e Regina Spósito, de Belo Horizonte, estreou o musical *Opereta - O Homem que Sabia Português*, com música e libreto de Tim Rescala e direção de Chico Pelúcio. Resultado: foi considerado o melhor espetáculo apresentado no 8o. Festival de Teatro de Curitiba, recebendo o Prêmio Bonsucesso de Artes Cênicas/Amparc nas categorias de melhor espetáculo e melhor direção. Agora, chegou a vez de os cariocas descobrirem a razão de tanto sucesso e engrossar o som dos aplausos.

A Opereta é uma espécie de *vaudeville* de rua que faz lembrar os divertidos desencontros amorosos das comédias clássicas, a partir dos contrastes entre dois universos distintos, o da cultura popular e o da cultura erudita. Nela, as árias, duetos e trios operísticos misturam-se ao choro e ao samba. Segundo o elenco, foi colocada em prática a velha máxima de que os opostos se atraem, mostrando que a verdadeira sabedoria vem do equilíbrio, da soma de riquezas e da união de valores aparentemente incompatíveis.

Show de Rua

A Opereta aprofunda a experiência de popularização da música iniciada com o show de rua *O Homem da Gravata Florida*, que tinha Marina Machado e Regina Spósito também como protagonistas. "É a continuidade de um longo trabalho de pesquisa musical da companhia e, principalmente, a continuidade do nosso propósito de apresentar, na rua, música, dança e teatro para todo tipo de público, com beleza, criatividade e muita qualidade", explica Regina.

A diferença, neste caso, é que no Rio de Janeiro, a exemplo do que aconteceu em Curitiba, o espetáculo acontece dentro do teatro. Para tentar ser fiel à concepção original, o cenário traz apenas um pequeno coreto de praça, além de uma biblioteca construída com livros cênicos do artista Cadito. A concepção é do cenógrafo João Marcos, em parceria com o diretor Chico Pelúcio. Já a figurinista Tatiana Queiroz inspirou-se nos desenhos animados para vestir os personagens, utilizando cores fortes e alegres, buscando o lado divertido e brincalhão das ruas.

O Roteiro

O professor Barreto (Maurício Tizumba) é um dedicado mestre de português, quarentão, solteiro e taciturno, que finalmente decide se casar. Coloca então um anúncio no jornal convocando possíveis interessadas e, a primeira a aparecer, é justamente Cráudia (Marina Machado), uma candidata a empregada doméstica que errou o endereço e acaba encantando o professor. A confusão aumenta quando surge Lígia (Regina Spósito), a candidata a esposa, fina, culta e educada. Seu único problema é a "incontinência vocabulária". O ator Maurício Tizumba se reveza também no papel de Inácio, um faz-tudo do bairro que confunde Lígia com a empregada e se apaixona por ela. ❖

O mundo indiano de Thomas Mann

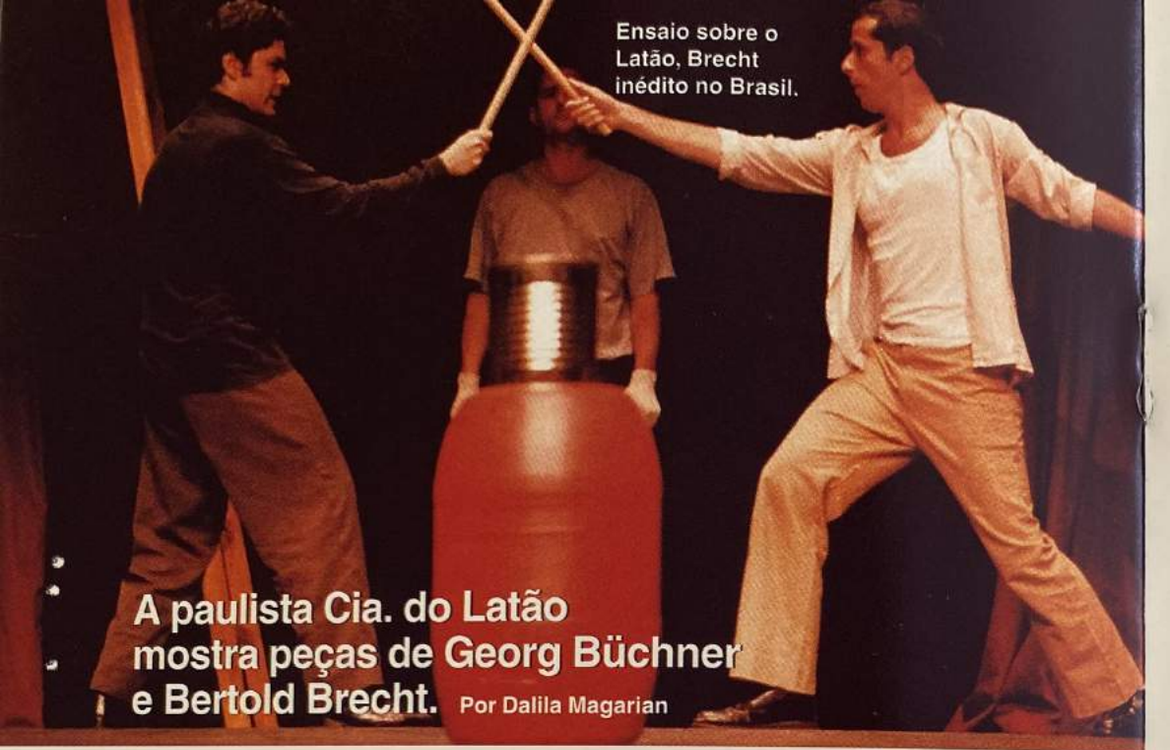
Cabeças trocadas

figurinos tipicamente indianos, bronzeamento artificial para os atores, aplicação de tatuagens, apliques nos cabelos masculinos, além de aulas de Yoga e trilha musical composta por Andrea Spada, especilista em música étnica. A diretora Mônica Alvarenga, apaixonada pela obra de Thomas Mann, recriou nos mínimos detalhes o clima da peça *Cabeças Trocadas*, escrita pelo autor na virada dos anos 40 e ambientada na Índia em 1000 AC. Segundo Mônica "uma trágica história de amor, com doses de comédia e ironia na medida certa" que estreou no SESC Copacabana.

Através da história de Sita, Nanda e Shridaman, a trama explora o imenso universo dos sentimentos, falando de ciúme, amizade, desejo, paixões e amor.

" Thomas Mann harmoniza o real e o imaginário, o divino e o humano, com uma narrativa caracterizada por beleza e encantamento", afirma a diretora, que procurou preservar o lirismo do texto original na adaptação feita com Teresa Campitelli. A sensualidade sugerida pelo autor também foi reforçada, ganhando coreografias indianas que incluem um balé inspirado nas posições do Kama Sutra.

Para o papel da jovem Sita, Mônica convidou a atriz Josie Antello, também professora de dança indiana e responsável pela preparação corporal do elenco formado por 12 atores. Nanda, o alegre e sensual ferreiro, é interpretado por César Lignelli. Shridaman, culto e belo, é feito por Gilberto Hernandez. Inseparáveis, apesar de pertencerem a classes sociais tão diferentes, os dois amigos sofrem pelo amor de Sita, que não consegue decidir-se por um deles. Para ela, os dois se complementam e, juntos, formam um ser absolutamente perfeito. A história ganha a partir desse momento contornos mitológicos, com a participação de uma deusa (Kika Freire), um sábio (Paulo Giannini) e pessoas do povo envolvidas com os três amantes. A trama é conduzida por um narrador, interpretado por Adriana Zanyello. ❖



Ensaio sobre o Latão, Brecht inédito no Brasil.

A paulista Cia. do Latão mostra peças de Georg Büchner e Bertold Brecht. Por Dalila Magarian

Um repertório da lata

O grupo paulista Companhia do Latão já conquistou o público e a crítica em diversos festivais, agora chegou a vez de mostrar aos cariocas do que é capaz. De uma só vez, apresenta quatro produções: *Ensaio para Danton*, *Santa Joana dos Matadouros*, *O Nome do Sujeito* e *Ensaio sobre o Latão*, que irão se alternar nos palcos do Centro Cultural Banco do Brasil.

Com quatro anos de existência, o grupo coloca temas universais adaptado à realidade brasileira, trabalhando na interação com os espectadores — o recurso de um dos espetáculos é justamente colocar o público para assistí-lo de dentro do palco.

"Costumamos usar o bordão de que a Cia. do Latão não é um grupo de pesquisa de linguagem, mas de pesquisa de assunto", diz o diretor, Sérgio de Carvalho.

Ensaio sobre o Latão

É uma encenação inédita de Brecht no Brasil. Escrito pelo dramaturgo alemão entre 1935 e 1951, *A Compra do Latão* (título original) nunca chegou a ter uma forma definitiva. Trata-se do diálogo de quatro noites entre um filósofo e um grupo teatral, em que Brecht expõe sua teoria sobre uma nova arte de representar. Nesta encenação, o diretor está à frente de seu grupo para realizar ensaios sobre *Hamlet*, de Shakespeare. E durante os ensaios são discutidas as teorias brechtianas: a reprodução da realidade, a ilusão teatral, o distanciamento, o teatro épico.

O Nome do Sujeito

Primeiro texto escrito pela Cia do Latão, a partir de improvisações dos atores na sala de ensaios. Com versão final dos diretores Sérgio de Carvalho e Márcio Marciano, *O Nome do Sujeito* tem referências na crônica Um Barão Perseguido pelo Diabo, escrita por Gilberto Freire em 1929, e no *Fausto*, de Goethe. A cena se passa no Recife do século passado. "É um período da nossa história em que existe um forte movimento de urbanização. Hoje, o Brasil está em nova encruzilhada e há uma perspectiva de modernização", diz Marciano. "O personagem central está na verdade oculto e representa aquilo que veio a se tornar uma característica da cultura brasileira, a modernização conservadora", diz Sérgio de Carvalho.

Ensaio para Danton

Embora já tenha passado por inúmeras versões, esta é uma encenação mais despojada e menos lírica que as anteriores. "Modificamos a montagem para diminuir o foco nos conflitos individuais de Danton e buscar uma ressonância social", explica o diretor. O espetáculo é uma adaptação de *A Morte de Danton*, primeira das três peças escritas pelo dramaturgo alemão Georg Büchner, autor de *Woyzeck* e de *Leonce e Lena*. O texto tem uma linguagem fragmentada e descontínua, e se passa durante a Revolução Francesa, no século 18. O público assiste à encenação de dentro do palco e, segundo o diretor, se vê diante das dificuldades de um processo revolucionário, com todas as suas contradições, a escolha entre a virtude e o vício, o individual e o coletivo.

Santa Joana dos Matadouros

Com texto escrito por Bertold Brecht, o espetáculo conta a história de Joana Dark (com esta grafia mesmo), religiosa que tenta ajudar os operários durante a crise de desemprego da indústria de carne enlatada de Chicago. A apresentação é o resultado de quase um ano de leituras. "Questionamos se realmente há falência nas utopias. Na época em que a peça foi escrita, falava-se em burgueses e operários. Hoje, em excluídos. A gente coloca Joana no meio dessas frentes de luta, com a visão de mundo da classe média", diz Márcio Marciano, que divide a direção com Carvalho. ❖

A Inquisição de Maria

Resgate da visita da Santa Inquisição ao Brasil sob a ótica de Maria Madalena. Texto e direção de Alberto Magno. Com Zaira Zambelli. Espaço II **Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 446, Copacabana). Fone: 275-6695. De quinta a sábado, 21h30 e Domingo, 20h30. R$10.

A Rainha da Beleza de Leenane

Abordagem da relação entre mãe e filha. De Martin Mcdonagh. Direção de Carla Camurati. No elenco, Xuxa Lopes, Walderez de Barros e Chico Diaz. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 267-1647. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Alice Através do Espelho

A partir da obra de Lewis Carrol o espectador é convidado a acompanhar Alice num mundo repleto de nonsense. Texto de Maurício Arruda Mendonça. Direção de Paulo de Moraes. No elenco: Flávia Fafiães, Patrícia Selonk, Simone Mazzer e outros. **Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, Lapa). Telefone para reservas (apenas 35 espectadores por sessão): 554-5281. De quinta a domingo, 20h. R$ 15. Até 29 de agosto.

AMIGAS

Associação de mulheres interessadas em gargalhadas, amor e sexo. Texto de Duda Ribeiro. Direção de Cristina Pereira. No elenco, Luana Piovani, Fernanda Rodrigues, Mary Sheila e Bebel Lobo. *Teatro Clara Nunes* (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25(sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

ATÉDAQUIAMILANOS

Espetáculo mostra a síndrome do pânico utilizando uma linguagem teatral expressionista, que explora as artes plásticas, a música, a pantomima e o ilusionismo, entre outros recursos. **Espaço Cultural dos Correios** (Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro). Fone: 503-8770. De quinta a domingo, 19h. R$ 10. De 22 de julho a 29 de agosto.

Cabeças Trocadas

Trágica história de amor com pitadas de humor e ironia. De Thomas Mann, adaptada por Teresa Campitelli e dirigida por Teresa Campitelli e Mônica Alvarenga. No elenco, Josie Antello, Cesar Lignelli e Gil Hernandez. **Teatro Sesc Copacabana** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 548-1088. Terças e quartas, 21h. R$10.

Calingualá

Esquetes independentes sobre temas cotidianos criados pelo elenco. Direção de Ivan de Albuquerque. No elenco, Leyla Ribeiro, Gabriel Gracindo, Lucio Mauro Filho e Camila Caputti. **Teatro Rubens Corrêa** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 523-9794. Sexta e sábado, meia- noite. R$15.

Capitu, Olhos de Ressaca (até 29/08)

Adaptação comemorativa do centenário do romance Dom Casmurro, de Machado de Assis. Direção e adaptação: Marcus Vinícius Faustini e Walter Daguerre. No elenco: Bel Kutner, Edney Giovenazzi, Leonardo Neto, Alexandre Barilari, Suzanna Faini, Silvio Ferrari e Walter Daguerre. **Teatro Raimundo Magalhães Junior** (da Academia Brasileira de Letras). Avenida Presidente Wilson, 203 - 1o.andar. Fone: 524-8230. De quinta a domingo, 19h. Sábado, 20h. R$ 15. Até 29/8.

Carmen

Espetáculo adaptado a partir da obra de Bizet e transformado em 'sambópera'. Adaptação de Augusto Boal, Celso Branco e Marcos Leite. Direção de Augusto Boal. No elenco, Cláudia Ohana, Raul Serrador, Ana Borges, Duda Mamberti e outros. **Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 216-0237. De quarta a domingo, 19h. R$ 10. Até 22/8.

Cheias

Três mulheres irritadas e entediadas com a vida são as protagonistas da comédia de Luiz Carlos Góes. Direção de Joaquim Vicente. No elenco, Helena Varzaki, Márcia do Vale e Mônica Müller. *Porão da Casa de Cultura Laura Alvim* (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 267-1647. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$15 (sex. e dom.) e R$20 (sáb.).

Cia do Latão em Repertório

Grupo teatral Cia do Latão apresenta 4 peças: Santa Joana dos Matadouros, Ensaio para Danton, O Nome do Sujeito e Ensaio sobre o Latão. Direção Sérgio de Carvalho e Márcio Marciano.

Teatros II e III do Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 808-2020. De quarta a domingo, 19h. R$ 10. Até 29/8.

Correio Sentimental de Nelson Rodrigues

O Núcleo Carioca de Teatro interpreta a peça de Nelson Rodrigues sob a direção de Luiz Arthur Nunes. **Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arcoverde, s/n, Copacabana). Fone: 547-7003. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15. Até 29 de agosto.

Dolores

Musical de Fátima Valença e Douglas Dwigt contando a vida pessoal e carreira de Dolores Duran. Direção de Antônio De Bonis. No elenco, Soraya Ravenle e José Mauro Brant. **Teatro das Artes** (Rua

PEÇA EM TRÊS ATOS: LIGA A TV, SENTA E ASSISTE MULTISHOW NEWS DRAMATURGIA. MULTI SHOW CANAL GLOBOSAT

Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 540-6004. De Quinta a Sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

E A Vida Continua

Peça espírita psicografada por Chico Xavier e adaptada por Cyrano Rosalém. Direção de Renato Prieto.No elenco, Cristina Prochaska e Renato Prieto. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 239-8545. Quinta e sexta, 18h30. Sábado, 19h. Domingo, 18h. R$15.

Francisco de Assis

Musical sobre a vida do santo, escrito e dirigido por Ciro Barcellos. No elenco, Ciro Barcellos, Ricardo Graça Mello e Amora Pêra. **Teatro Vanucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 239-8545. Quinta a Sábado, 21h. Domingo, 20h30. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

8 Mulheres

Suspense cômico em que oito mulheres estão envolvidas em um assassinato. Texto de Robert Thomas. Adaptação e Direção de Darson Ribeiro. No elenco, Sylvia Bandeira, Myrian Pires, Ruth de Souza e Juliana Martins. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9895. Quarta, 21h. Quinta e sexta, 17h. Sábado, 18h. R$20. Nas sessões de quinta e sexta, R$ 30 com direito a chá.

O Momento de Mariana Martins

Mulher de 40 anos faz retrospectiva de sua vida. Texto de Leilah Assumpção e direção de Luiz Arthur Jr. No elenco, Cláudia Alencar, Oscar Magrini, Mário Frias e Juliana Baroni. Sala Marília Pêra do **Teatro do Leblon**. (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 294-0347. De Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui. e dom.), R$20 (sex.) e R$25 (sáb.).

O Zelador (até 12/09)

Um andarilho desalojado é levado para a casa do ex-interno de um hospício. Texto de Harold Pinter. Produção de Selton Mello e direção de Michel Bercovitch. No elenco: Selton Mello, Marcos de Oliveira e Leonardo Medeiros. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 557-5527. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15 (qui. e sex.); R$ 20 (sáb. e dom.). Até 12/9.

EATRO NO MULTISHOW. COMO DIRIA NELSON,

Os Cafajestes

Comédia escrita e encenada pelo grupo Os Cafajestes. A direção é de Fernando Guerreiro. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52 – Shopping da Gávea). Fone: 274-9895. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 15 (qui.), R$ 20 (sex. e dom.) e R$ 25 (sáb.).

Opereta – O Homem que Sabia Português

Comédia musical de Tim Rescala sobre um professor quarentão que coloca anúncio no jornal para arranjar uma noiva. Direção de Chico Pelúcio, com a Cia. Burlantins. **Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 446, Copacabana). Fone: 275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui., sex. e dom.) e R$20 (sáb.).

Partido

Espetáculo inspirado na obra de Ítalo Calvino sobre um visconde que volta da guerra partido ao meio e as mudanças que acontecem na cidade onde ele mora. Direção de Cacá Carvalho. Dramaturgia: Cacá Brandão. Montagem do Grupo Galpão, com Antonio Edson, Arildo Barros, Beto Franco e outros. **Teatro Nelson Rodrigues** (Conjunto Cultural da Caixa, Av. Chile, 230, Centro). Fone: 2620942. De quinta a domingo, 20h. R$ 10 (qui.) e R$ 15 (sex. a dom.). Até 5/9.

Pra Quem Gosta de Mim – Cabaré 3

Musical filosófico escrito e dirigido por Domingos de Oliveira. No elenco, Domingos de Oliveira, Priscila Rozenbaum, Gisele Fróes e Joana Ribeiro. **Teatro do Planetário** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 239-5948. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Por Um Novo Incêndio Romântico

Criação da Cia. Curitibana inspirada no original *A perfect Ganesh*, de Terrence McNally. Adaptação e direção de Felipe Hirsch. No elenco, Joana Fomm, Letícia Sabatella e Eliane Giardini. Sala Fernanda Montenegro do **Teatro do Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Que Mistérios tem Clarice

Textos de Clarice Lispector adaptados por Luiz Arthur Nunes e Mário Piragibe. Direção de Luiz Arthur Nunes. No elenco, Rita Elmôr e Fidelys Fraga. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 267-7295. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

Se Meu Ponto G Falasse

Comédia de Patsy Cecato e Heloísa Migliavacca sobre o mundo feminino. Direção de Júlio Conte. No elenco, Patsy Cecato e Heloísa Migliavacca. **Teatro Rubens Corrêa** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 523-9794. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui., sex. e dom.) e R$20 (sáb.).

ASSISTIR É O ÓBVIO ULULANTE.
MULTI SHOW
CANAL GLOBOSAT

EM CARTAZ

Todo Mundo Sabe que Todo Mundo Sabe

Comédia envolvendo uma socialite decadente que tenta casar a filha com um homem rico. Texto e direção de Miguel Falabella. No elenco, Arlete Salles, Laura Cardoso, Bia Nunes. **Teatro Miguel Falabella** (NorteShopping, Av. Suburbana, 5.474, Del Castilho). Fone: 595-8245. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20 (qui. e sex.) e R$ 25 (sáb. e dom.). Até 29/8.

Um Gosto de Mel

História de mãe e filha, a primeira uma cantora decadente que se prostitui para viver. A segunda, uma jovem romântica e carente. Peça adaptada e dirigida por Amir Haddad. No elenco, Tamara Taxman, Juliana Teixeira, Fernando Almeida e Delano Avelar. **Teatro Sesc** Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 548-1088. De Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20.

Um Marido Fisiológico

Comédia inspirado em *A Casa de Orates*, de Arthur Azevedo, conta a história de um comendador que deseja ter netos. Direção de Elza de Andrade. No elenco: Danielle Monte, Caryna gomes, Marcos Aurélio, Bruno Bacelar e outros. **Teatro Estação Beira-Mar Museu do Telephone** (Rua Dois de Dezembro, 63, Catete). Fone: 205-7876. De sexta a domingo, 19h. R$ 10. Até 29/8.

Um Maridão na Contramão

Comédia sobre um motorista de táxi bígamo e suas trapalhadas. Peça de Ray Cooney. Direção de João Bethencourt. No elenco, Osmar Prado, André Valli, Gláucia Rodrigues, Vânia Penteado, Élcio Romar, Gláucio Gomes e Márcio Ricciardi. **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Barra Square). Fone: 325-1645. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 19h30. R$ 20 (qui.), R$ 25 (sex. e dom.) e R$ 30 (sáb.).

Vênus das Peles

Novela de Leopold Von Sacher-Masoch adaptada por Maurício Abud. No elenco, Mariana de Moraes, Bruno Padilha, Joana Medeiros e Marco Antônio Giaferis. **Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arcoverde, s/n, Copacabana). Fone: 547-7003. De segunda a quarta, 21h. R$15.

SÓ PARA QUEM TEM MULTISHOW. MULTI SHOW

TEATRO É FEITO
DE ATOR E PÚBLICO.
A GENTE LEVA UM
ATÉ O OUTRO.

PROJETO RIO SUL
ASAS DA CULTURA

Alguns dos nossos maiores atores têm levad
seus personagens maravilhosos até voc
nos aviões da Rio Sul. Eles voaram co
as centenas de passagens aéreas que
Projeto Rio Sul Asas da Cultura já oferece
nos últimos três anos. O Projeto Rio Su
Asas da Cultura foi criado para permitir que o
espetáculos teatrais cheguem a muito mais gente, em mais cidades d
todo o Brasil. Premiando o público com cultura e entretenimento de alt
nível, onde ele estiver. Projeto Rio Sul Asas da Cultura. Uma homenage
ao teatro. Uma honra para a gente. Um presente para você.

Rio Sul

Toll Free: 0800-99-2004

Dona da Árvore

Canções e histórias contam a relação do homem com a natureza e o dia-a-dia. Por Maria Lúcia Rangel.

A relação do homem com a natureza, o tempo e a vida cotidiana é o tema do novo espetáculo infantil de Bia Bedran, em cartaz no Teatro Villa-Lôbos, nos fins de semana, às 17 horas. Uma relação contada por meio de histórias e músicas, em roteiro da própria Bia e de Douglas Dwight e Fátima Valença – dupla que assinou o musical *Dolores*. Dona da Árvore é também o nome do novo CD que Bia deverá lançar ainda este ano.

Pela primeira vez, ela dividirá o palco com a filha, Julieta Bedran, que em dois espetáculos anteriores apenas cantava uma música. "O projeto nasceu a partir da pesquisa do meu baú de canções", conta Bia. "Músicas que nunca gravei, mas que fizeram sucesso como *Cantos de Trabalho* e *Flor de Maracujá*. Naquela época, Julieta era um bebê e ficava no camarim durante as apresentações. Hoje é emocionante dividir o palco com ela."

Bia e Julieta se revezam nos papéis de filha, mãe, neta e avó, reforçando a passagem dos anos e o conceito da árvore, que gera novos frutos e realimenta a história. A maioria das 14 músicas do espetáculo é da própria Bia, que incluiu também músicas de Sheila Canturária (*Dança dos Movimentos da Terra*), Pedro Menezes (*Samba da Gíria*), Rubinho do Vale (*ABC do Amor*) e Rosângela de Carvalho (*Aeróbica Tropical*). Bia destaca ainda o poema de Casimiro de Abreu, *Meus Oito Anos*, musicado por compositor desconhecido no final do século passado e que abre e encerra a peça.

Douglas, que pesquisou e selecionou com Bia e Fátima histórias que se encaixassem na proposta do espetáculo, diz ser fundamental apostar na inteligência das crianças – "é importante não subestimar a capacidade de compreensão do público".

Um grupo de músicos, dirigidos por Ricardo Medeiros, acompanha mãe e filha no palco. Os figurinos, com roupas medievais e elementos da natureza, são de Ney Madeira. Ótimo programa para o final de semana com a garotada. ❖

NÃO PERCA

O espectador gostou, assistiu e indica.

O Zelador

"Além de ser um texto de Harold Pinter, o elenco encabeçado por Selton Mello é muito legal. A moçada irá se divertir bastante, pensar sobre o que acontece no palco e também ficar orgulhosa ao assistir um jovem talento como o Selton."

Taís Araújo, atriz

A.M.I.G.A.S

"Além de bonitas e charmosas, as jovens atrizes que fazem parte do elenco da peça A.M.I.G.A.S são maravilhosas em cena, como a Fernanda Rodrigues e a Luana Piovani. Ninguém pode perder este espetáculo, que também é a primeira produção da Luana."

Suzana Werner, apresentadora, modelo e atriz

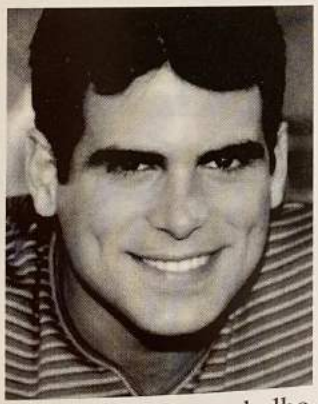
8 Mulheres

"As 8 mulheres que Darson Ribeiro dirigiu nos reservam agradáveis surpresas. A originalidade do texto que reúne suspense e humor é bem traduzida no palco pelo diretor e seu afinado elenco, motivo mais do que suficiente para uma visita ao teatro. Alie-se a isso a curiosa idéia do cenário, figurinos e iluminação, que brincam com texturas e referências aos filmes em preto e branco."

Ulysses Cruz, diretor de teatro

Francisco de Assis

"É um musical de Ciro Barcellos sobre a vida do santo, dirigido por Demetrio Gil e Mimi Lessa. Em cena temos o Ricardo Graça Mello, entre outros, que faz um trabalho muito legal. Tenho certeza de que o público vai gostar dessa produção, em cartaz no teatro Vanucci. E espero que todos aproveitem e curtam esta indicação!"

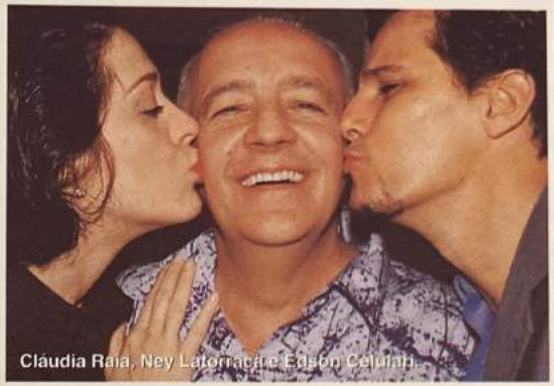


Heitor Martinez, ator

SPOT

No aniversário de Ney Latorraca...

Glória Menezes, Tony Ramos, Aracy Balabanian e Lidiane Ramos.



Cláudia Raia, Ney Latorraca e Edson Celulari.

Maria Padilha.

Na estréia de O Momento de Mariana Martins, no Teatro Leblon...

O diretor Luiz Arthur Nunes.

Ioná Magalhães e Leilah Assunção.

Matilde Mastrangi, Aracy Cardoso e Vera Gimenez.

... e de A Rainha da Beleza de Leenane.

Hector Babenco, Xuxa Lopes, Regina Braga e Dráuzio Varella.

Walderez de Barros.

Carla Camurati, Débora Colker e Márcia Barros.

Cena Aberta

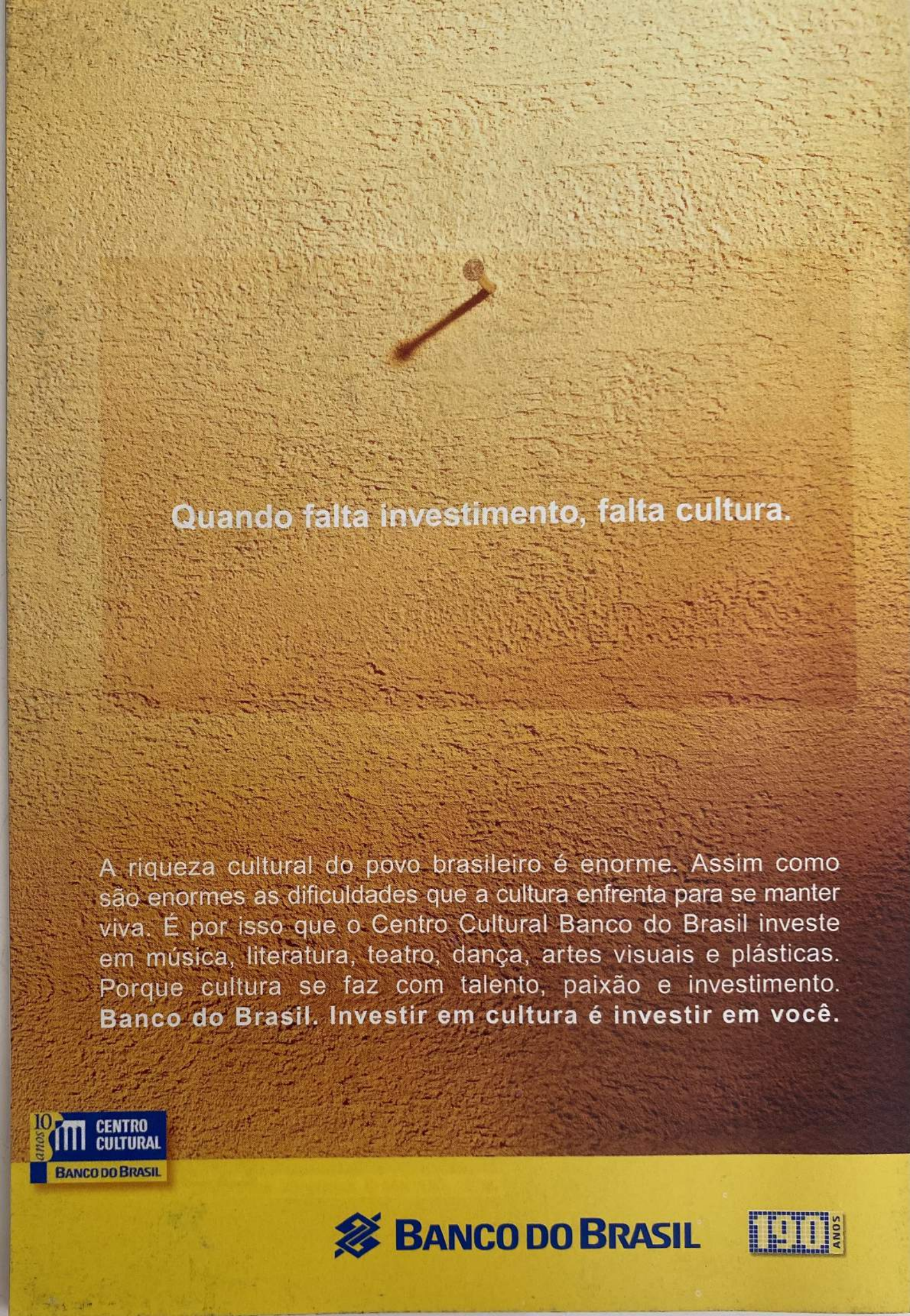
Pedro Paulo Rangel em *Jorginho, O Machão*, 1970.

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro


Quando falta investimento, falta cultura.
A riqueza cultural do povo brasileiro é enorme. Assim como são enormes as dificuldades que a cultura enfrenta para se manter viva. É por isso que o Centro Cultural Banco do Brasil investe em música, literatura, teatro, dança, artes visuais e plásticas. Porque cultura se faz com talento, paixão e investimento. Banco do Brasil. Investir em cultura é investir em você.
10 anos
CENTRO CULTURAL
BANCO DO BRASIL
BANCO DO BRASIL
ANOS